



Uma breve história do feminismo africano

POR MINNA SALAMI



© Massogona Sylla

Começo este artigo por dizer "enfim". A razão para minha exasperação é a sugestão contínua de que o feminismo não é africano - o que quer que seja ser africano signifique. Pessoalmente, nunca recebi instruções de como ser um Africana!

A verdade é que o feminismo é uma necessidade absoluta para as sociedades africanas. Nós ocupamos o mais baixo lugar no

índice global da igualdade de género, temos alguns dos números mais elevados de violência doméstica, o número mais elevado de circuncisões e mutilações femininas, e de outras tradições prejudiciais (que não preciso mencionar). No entanto, continuo a ver artigos que começam de forma promissora, mas que fazem afirmações como “... o principal objectivo da mulher nigeriana é o imperativo da construção da família como o primeiro passo na construção da nação” e “as mulheres africanas não sentem a mesma urgência ou necessidade de se verem livres dos papéis de género tradicionais”. Ou este tipo, de pergunta feita de maneira



Na maioria dos anos que decorrem que o feminismo é africano, que sempre existiu na África, e que muitas mulheres africanas que admiramos e respeitamos são/eram feministas. Então é legítimo que queira saber, qual é exactamente a história do feminismo africano? Começemos então...

Enquanto a palavra "feminismo" é certamente uma importação (como todas as palavras em inglês), o conceito de oposição patriarcal, isto é, a *raison d'être* do feminismo, não é algo novo ou estranho no nosso continente. África tem algumas das civilizações mais antigas do mundo, por isso, embora nem sempre o chamassem de feminismo (o substantivo) até onde podemos rastrear sabemos que haviam mulheres que eram feministas (o adjectivo) e que encontraram maneiras de se opor ao patriarcado. Portanto, **o feminismo é uma parte importante da história das mulheres africanas.**

Como grupo de interesse, o feminismo africano partiu no início do século XX com mulheres como [Adelaide Casely-Hayford](#), activista pelos direitos das mulheres na Serra Leoa, referida como a "feminista vitoriana africana", que contribuiu amplamente tanto para a causa feminista como para a pan-africanista. Também se dá o caso de [Charlotte Maxeke](#), que em 1918 fundou a Liga das Mulheres Bantu na África do Sul, e de [Huda Sharaawi](#) que em 1923 criou a União Feminista Egípcia.

As lutas de libertação dos países africanos também serviram como bases de formação do feminismo africano, especialmente as da Argélia, Moçambique, Guiné, Angola e Quênia, onde as mulheres lutaram juntamente com os seus homólogos masculinos pela autonomia estatal e pelos direitos das mulheres. Os ícones

“As lutas de libertação dos países africanos também serviram como



Ekpo e Funmilayo Anikulapo-Kuti

entre muitas outras que lutaram não só contra o colonialismo, mas também o patriarcado.

O feminismo africano contemporâneo solidificou-se durante a década marcante da ONU para as mulheres, entre 1975 e 1985, que resultou na erudição e propagação do ativismo feminista pelo continente e pela diáspora. Desde então, o movimento feminista africano tem desenvolvido tanto em política, legislação, e ideologia como também no âmbito cultural. Ele envolve o ativismo de base e também o ativismo intelectual; interessa-se pelas questões do dia-à-dia, tais como a redução da pobreza, a prevenção da violência e os direitos reprodutivos, bem como com o estilo de vida, a cultura popular, os meios de comunicação, a arte e a cultura. Se por um lado ele confronta a criação de mitos patriarcais, por outro também nos desafia a lidar com estereótipos racistas. Em suma, ele tem a ver com estas sete questões-chave no pensamento feminista africano.

Hoje em dia, feministas africanas das mais várias esferas ocupacionais, como por exemplo académicas, activistas, artistas e políticas, como Leymah Gbowee, Joyce Banda, Simphiwe Dana e Chimamanda Ngozi Adichie, bem como organizações feministas como o African Feminist Forum e o African Gender Institute estão na vanguarda do uso do

**afriano,
especialmente
as da Argélia,
Moçambique,
Guiné, Angola
e Quênia,
onde as
mulheres
lutaram
juntamente
com os seus
homólogos
masculinos”**



“No final das contas, cabe somente às mulheres africanas assumir a responsabilidade de proteger as histórias das mulheres africanas e conectá-las às situações de hoje.”

As mulheres africanas assumiram a responsabilidade de proteger as histórias das mulheres africanas e conectá-las às situações de hoje. Temos muitos tectos de vidro para quebrar. Para começar a fazê-lo, devemos perceber que a situação actual é tremendamente desvantajosa para as mulheres. As mulheres são sistematicamente marginalizadas dentro de nossas sociedades ao nível local e global. À medida que nossos olhos se abrem cada vez mais para esta verdade, devemos continuar a nos libertar e nos defender de noções limitadas de feminilidade. E isso é um trabalho urgente! Não precisamos reinventar a roda. Podemos e devemos inspirar-nos naquelas que já estão na luta para ajudar a criar uma narrativa da feminilidade africana, e devemos

dar legitimidade à escolha feita por muitas de nós [mulheres africanas] em usar o feminismo como ferramenta para a nossa luta.

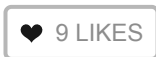
Leia aqui a análise da feminista Âurea Mouzinho sobre "Uma breve história do feminismo africano" [aqui](#).

Tradução de Âurea Mouzinho. O artigo original foi publicado em inglês e pode ser encontrado [aqui](#)



publicados no *The Guardian*, Nigéria e no *The Huffington Post*.

Imagem de Massogona Sylla, conheça o seu trabalho [aqui](#)



Sete Questões-Chave No Pensamento Feminista Africano, por Minna Salami

NEXT



LUANDA , ANGOLA

© 2017 Ondjango Feminista todos os direitos reservados

POWERED BY SQUARESPACE